

ELAS SOBRE ELAS: A DOCÊNCIA NO CAMPO PELO PRISMA DE DUAS PROFESSORAS DA ESCOLA DO ASSENTAMENTO PADRE ASSIS, SOSSEGO – PB

Autor (1): ANTUNES, Túlio Carlos Silva

Universidade Estadual da Paraíba

tulio.carlos.antunes@gmail.com

Orientadora (2): ARAÚJO, Patrícia Cristina de Aragão

Universidade Estadual da Paraíba

cristina-aragao21@hotmail.com

RESUMO

Este texto é oriundo de uma pesquisa de PIBIC/UEPB intitulada: “*Ensino de história e educação no Campo: história local, currículo, memória e identidade*”, que teve por prisma discutir o ensino de história e o currículo praticado no campo, através da escola do Assentamento Padre Assis, Sossego-PB, na perspectiva da interculturalidade, tendo por foco a história local, identidade e memória. O corrente artigo refere-se a um desmembramento da nossa pesquisa. Temos por objetivo discutir o saber docente forjado na experiência prática do cotidiano da sala de aula, no tocante a perceber como elas percebem e reconhecem o seu fazer docente. Versamos sobre a perspectiva de que a experiência empírica é formativa, na medida em que as professoras experienciam seu fazer docente no contexto escolar da escola do campo, seja a partir dos desafios e/ou prazeres que lhes atravessam, moldando sua própria visão sobre sua prática docente. No que se refere à abordagem metodológica do nosso trabalho, nos debruçamos sobre a história oral temática que nos deu suporte à realização das entrevistas, a partir de questionários semiestruturados, abordando as questões referentes à Educação do Campo no tocante aos elementos como ensino de história, história local, experiência docente e práticas pedagógicas do Assentamento Padre Assis, Sossego – PB.

Palavras-chave: Ensino de história, educação do campo, interculturalidade, formação docente.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta os resultados conclusivos da pesquisa “*Ensino de história e educação no Campo: história local, currículo, memória e identidade*”, que faz parte do Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica - Cota 2015/2016 “*A história ensinada e o currículo intercultural: memória, identidade e práticas educacionais*”, desenvolvida através da orientação da Prof.^a Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo. Versamos em discutir como ensino de história e o currículo praticado no campo, através da experiência da escola do Assentamento Padre Assis, Sossego-PB, na prerrogativa de se perceber como a escola, as professoras, os documentos e materiais oficiais, se debruçam sobre a história local, valores, modos de fazer, e suas memórias, na construção do ensino de história para a formação do sujeito histórico, na perspectiva de uma educação intercultural. Entendemos que o sujeito histórico está em constante fazer-se, onde suas experiências materiais e subjetivas vão lhe dando forma, mas nunca completo, findado, sempre em construção. A escola, que está presente em boa parte da história do sujeito moderno, é atravessada, do ponto de vista institucional, por projetos educacionais, ideológicos e políticos, mas também, no cotidiano, é atravessada por histórias, gostos, desejos, conflitos, medos e experiências que no diálogo com o indivíduo histórico, o molda. Acreditamos que as referências calcadas no lugar, que orientavam a formação identitária do sujeito sociológico, no século XXI foram deslocadas para lugares nenhum, distantes das esferas de experiência do sujeito. A escola, enquanto instituição que versa sobre a formação do indivíduo, deve versar sobre a orientação e formação de identidades locais para a referência na vivência social.

Procuramos em nossa pesquisa, por meio de um estudo documental e bibliográfico, perceber de que modo – e se há – o diálogo entre as memórias, saberes e histórias locais e os saberes históricos presentes no currículo escolar e no cotidiano da sala de aula, no sentido de perceber como se e como a escola reconhece, recepciona e operacionaliza estes saberes. Na educação do campo na perspectiva da interculturalidade no campo do ensino de história, trazendo a discussão do currículo e da história local, a partir da experiência educativa dos alunos e professores do Assentamento Padre Assis, Sossego - PB.

METODOLOGIA

Temos uma pesquisa que está centrada no campo da historiografia, isto é: escrita da história (CERTEAU, 1982). A escrita da história pode ser pensada em dois prismas: 1) ato produtor, 2) objeto produzido. Como tece Michel de Certeau, a pensar como a história é escrita, ela nos elucida que o texto, a narrativa histórica produzida pelo historiador é fruto de um “ato produtor”, que compreende desde à escolha do tema, dos autores, conceitos, metodologia, estilo literário, documentos, até à temporalidade da pesquisa. O “ato produtor”, realizado no *metier* do historiador, na oficina do tempo, cria o “objeto produzido”, que é a narração. Esta nossa pesquisa é o “objeto produzido” que materializa todos os caminhos e descaminhos da nossa pesquisa produzida no “ato produtor” da tecitura deste texto. Neste sentido, faz-se necessário tecermos considerações dos processos do nosso “ato produtor”, que atravessa nossa pesquisa, na conceituação de história, da filiação à história social como dimensão, a história oral e história local como abordagens e o ensino de história como eixo temática da nossa pesquisa no campo da história (BARROS, 2013: 30).

No que diz respeito à abordagem, isto é: “o modo como o historiador trabalha, o tipo de fontes que ele constitui, a maneira como ele observa a realidade - em uma palavra, o ‘fazer histórico’[...]” (BARROS, 2013: 31). Isto quer dizer que o Campo da História tem formas particulares de apreender a realidade concreta, como a micro-história de Ginzburg, ou a História Oral, à qual utilizamos em nosso trabalho. Elas dizem respeito à forma como o historiador, no “ato produtivo”, irá apreender a realidade, um procedimento metodológico de fabricação e interpretação de documentos.

De antemão, me coloco concordante com Le Goff, (2013), quando ele discuti sobre o conceito de história, trazendo a problemática semântica do termo: a história é objeto que fala e objeto falado, ela é morte e vida. Dito de outra forma, a história é uma ciência que pretende falar de si mesmo, falar no presente sobre os mortos, sobre o passado que lhe aparece por meio de vestígios; a história é paralelamente passado/tempo e ciência. A escrita da história é a narrativa que materializa a ciência que fala sobre o tempo, são os processos do “ato produtor” sobre o “objeto produzido”. História, neste sentido, quer dizer passado, “o passado - todo o passado, toda e qualquer coisa que aconteceu até hoje - constitui a história” (HOBBSAWM, 1998: 37). Agora, sobre a primeira parte da frase - escrita da história -, temos a História como narrativa, ciência. Como coloca Le Goff, a história é *processo, ciência e narrativa* (2013). Ela é, como colocou Marc Bloch (2001),

a história é ciência dos homens no tempo. Ela não é a ciência da natureza, mas dos homens; não indivíduo, mas do plural: homens. A história se debruça sobre o as atividades, mudanças, dinâmica e ações dos homens no tempo, e tempo é importante, pois ela implica contexto, e para a historiografia, contexto é elemento basilar.

"Ciência dos homens", dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: "dos homens, no tempo". O historiador não apenas pensa "humano". A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria da duração. Decerto, dificilmente imagina-se que uma ciência, qualquer que seja, possa abstrair do tempo. Entretanto, para muitas dentre elas, que, por convenção, o desintegram em fragmentos artificialmente homogêneos, ele representa apenas uma medida. Realidade concreta e viva, submetida à irreversibilidade de seu impulso, o tempo da história, ao contrário, é o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e como o lugar de sua inteligibilidade. (BLOCH, 2001: 55)

Neste sentido, já delimitado o que entendemos por História, nossas filiações historiográficas, tratemos de pensar nossas abordagens, metodologias de apreensão da realidade. Temos como perspectiva metodológica, a qual norteou toda a pesquisa, a via da história oral temática, a qual nos deu suporte à realização das entrevistas, a partir de questionários semi-estruturados, abordando as questões referentes à Educação do Campo no tocante aos elementos como ensino de história, história local, experiência docente e práticas pedagógicas do Assentamento Padre Assis, Sossego – PB. Como aporte teórico central, no que se refere às possibilidades de se trabalhar a história oral, temos Delgado (2010), a qual em seu livro: *História oral: memória, tempo e identidades*, constrói uma trama muito bem elaborada acerca do trabalho, conceituação, metodologia, limites e possibilidade deste aporte teórico-metodológico.

Por meio de relatos e experiências familiares, de crônicas que registraram o cotidiano, de tradições, de histórias contadas através de gerações e inúmeras formas de narrativa, constrói-se a memória de um tempo que antecedeu ao da vida de uma pessoa. Ultrapassa-se o tempo presente, e o homem mergulha no seu passado ancestral. Nessa dinâmica, memórias individuais e memórias (DELGADO, 2010) coletivas encontram-se, fundem-se e se constituem como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico. (:40-41). Nesta prerrogativa se insere a História Oral, campo metodológico que se apropria da memória como seu elemento base de construção da fonte histórica. Isto é, elemento chave para a construção da fonte, que será o meio pelo qual teremos acesso àquilo que estaremos abordando. A História Oral, contraditoriamente, não é um campo de estudo da história, mas, “um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre História em suas múltiplas dimensões: factuais, temporais, espaciais, conflituosas, consensuais”. (DELGADO, 2010: 15).

Neste sentido, faz-se importante, naquilo que elencamos como “ato produtor”, elucidarmos não somente nossas filiações historiográficas e metodologias, mas também os/as sujeitos participantes da nossa pesquisa, às quais fora possível perceber a realidade vivenciada na educação do campo a partir da escola do Assentamento Padre Assis.

Em termos de pesquisa, entrevistamos duas professoras, **Maria Germane** e **Maria das Vitórias**. Ambas as professoras são oriundas do Assentamento Padre Assis e por ele tiveram a oportunidade de chegarem à docência. As narrativas de vida das professoras, recortadas sobre as marcas da docência, nos trouxe um olhar vivido, que vive as alegrias, os prazeres e os desafios da Educação do Campo. Por elas, duas mulheres jovens, com 28 e 30 anos, respectivamente, mas que possuem trajetórias de vidas totalmente diferentes, todavia, se inter cruzam no cotidiano fazer da educação do campo.

EDUCAÇÃO DO CAMPO

Como recorte espacial, temos o Campo como nosso *lócus* de pesquisa, que tem por recorte compreender o ensino de história na educação do campo. Neste sentido, concordamos com o professor Bernardo Fernandes (2011):

O campo é lugar de vida, onde as pessoas podem morar, trabalhar, estudar com dignidade de quem tem o seu lugar, a sua identidade cultural. O campo não é só o lugar da produção agropecuária e agroindustrial, do latifúndio e da grilagem de terras. O campo é espaço e território dos camponeses e dos quilombos. É no campo que estão as florestas, onde vivem as diversas nações indígenas. Por tudo isso, o campo é lugar de vida e sobretudo de educação. (p. 137).

A educação do Campo,

[...] é um conceito cunhado com a preocupação de se delimitar um território teórico. Nosso pensamento é defender o direito que uma população tem de pensar o mundo a partir do lugar onde vive, ou seja, da terra em que pisa, melhor ainda a partir de sua realidade (Ibdem: 141).

Neste sentido, ao trabalharmos com a Educação do Campo, não estamos apenas pensando um conceito de educação em oposição ao urbano, quando nos debruçamos sobre a educação do campo, estamos discutindo uma história e direitos negados; estamos discutindo sobre lutas, desafios, derrotas. A educação do campo não se encerra enquanto um modelo educacional que versam sobre as populações que tem a terra como seu lugar de vivência e pertencimento, mas ela é um conceito cunhado na própria luta, da necessidade de superar as desigualdades e exclusão das

populações do campo. Discutir, propor e lutar pela educação do campo, engendra-se na “redenção” que Walter Benjamin (1994) fala. Utilizando-se da metáfora judáica de que cristo iria redimir todos os povos, sofridos e injustiçados no momento de sua vinda, nós, os homens e mulheres do presente, “existe um encontro secreto, marcado entre as gerações precedentes e a nossa. Alguém na terra está à nossa espera. Nesse caso, como a cada geração, foi-nos concedida uma frágil força messiânica para a qual o passado dirige um apelo” (Ibdem: 223).

A CONSTRUÇÃO DA DOCÊNCIA

No que se refere aos resultados da nossa pesquisa, intitulada: “*Ensino de história e educação no campo: história local, currículo, memória e identidade*”, à qual deu base para este nosso artigo, parti de um problema, ensinamento trazido pelos fundadores da Escola dos Analles, Marc Bloch e Lucien Febvre (LE GOFF, 2013), que é pensar qual o lugar da história local no ensino de história praticado no cotidiano escolar da educação do campo na escola do Assentamento Padre Assis, Sossego - PB. Para esta investigação, as professoras **Maria Germane** e **Maria das Vitórias** elucidaram sobre como elas experienciam no seu cotidiano. Mas, quem elas são? A professora **Maria Germane da Silva Nascimento**, que, à época da entrevista, tinha 28 anos de idade. Graduada em Pedagogia e pós-graduada em Psicopedagogia pela Faculdade Cristo Rei. Germane sempre morou na zona rural, desde 2009 residente do Assentamento Padre Assis. Ela tua “desde 2009 que eu atuo como professora, alfabetizadora.” (GERMANE, 2016). Nossa professora leciona numa turma multisseriada de 15 alunos, e multisseriada. Sobre ser professora, ela fala:

Bom, é muito bom. Porque assim, as pessoas, pelo menos em termos de ser visto com relação à comunidade, é, eles me respeitam muito aqui no assentamento, todos, todos, todos os moradores, assim, me vem como A professora, entendeu? (risos). É tanto que os senhores mesmo, assim, eles nem me tratam de Germane, eles falam, quando eu [falo]: bom dia, aí, “bom dia, professora, boa noite, professora”. Tá entendendo? Então assim, isso é muito bom. E com relação aos meninos, assim, todos me respeitam muito e tem mô carinho por mim, mas, ser professora aqui é muito bom, muito bom mesmo. [...] Prefiro alfabetização. É porque eu acho lindo, a coisa que eu mais achei gratificante Túlio, é ensinar, ensinar uma palavrinha a um menino e ele aprender, eu vê ele lendo. e eu saber que foi através de mim que ele aprendeu ler, aprendeu fazer o nome. Eu acho isso muito gratificante, é emocionante pra mim, acho lindo. Eu gosto disso aí. É por isso que eu quero assim, sempre ser professora alfabetizadora, de preferência aqui no Assentamento. (Ibdem, 2016)

A outra partícipe da nossa investigação, que tem também o belo nome de Maria, ela se chama: **Maria das Vitórias Santos Pereira**, que tinha 30 anos à época da entrevistas. Graduada em Pedagogia pela Faculdade São Judas Tadeu, Maria é moradora do Assentamento Padre Assis

desde sua formação, ela sempre lecionou na escola do Assentamento. Ela também ensina em uma turma multisseriado, e interpelada sobre os desafios de ensinar nela, Maria afirma:

[...] a dificuldade é porque, na hora de você passa um conteúdo, se você, no caso, tá ali, você aplica os dois, divide o quadro em dois, na atividade, né(?), pra cada um, aí assim, na verdade, se eu vou explicar pra um aí o outro já que atenção também, da outra série, no caso no outro ano, né? 2º Ano os alunos quer uma certa atenção aí os outros já fica: “tia, me explique isso aqui”. Aí a dificuldade é essa, de você ter que auxiliar os dois, as duas explicações ao mesmo tempo pra eles. (MARIA, 2016).

Quando discutimos o livro didático com as professoras, encontramos opiniões distintas, como a da professora Germane, que tece um “muito ruins, mas dá”. (2016), ao comentário da professora Maria “eu gosto, eu gosto dos livros.” (2016). Mas no que se refere ao reconhecimento do lugar no livro didático, ambas são enfáticas em mostrar o problema da negação do livro para com os diversos povos que vivem no campo. Tão pertinente para a formação da consciência histórica, visto que o “pensamento histórico teria seu sentido embasado, inconscientemente, no passado que se oferece ao presente, de modo ativo, na vida prática.” (BAROM & CERRI, 2011: 5). Vejamos os comentários das professoras:

Quando você pega um livro didático, está contando uma história lá de São Paulo, que os meninos provavelmente nunca irão, assim, tem uns que, vamos ser sincero, tem uns que provavelmente nunca irão lá. Então assim, eu vejo, assim, difícil por causa disso aí. Porque muitas vezes deixa de, de trabalhar a própria cultura, do, do, do lugar, pra ir conhecer uma coisa que é totalmente longe da realidade deles. (GERMANE, 2016).

Não, daqui não! Só se um caso, assim, a gente um dia, tirar um dia e a gente mesmo fazer isso. Mas aqui, o que vem de lá não tem, fazendo alguma orientação, é, informando a gente sobre os acontecimentos daqui, só você mesmo que, a gente tem. (MARIA, 2016).

São duas trajetórias de vida marcadas pelo apreço ao campo e reconhecimento da importância do Assentamento nas suas vidas. Como coloca o professor Adilson (2016), “faz parte do nosso *métier*, como já salientamos antes, certa empatia com o que definimos como objeto de estudo”. (p. 363). A história, que nasce do reflexivo sensível com a finitude, nunca deixou a sensibilidade de lado. Somos sensíveis nas escolhas temáticas, nas lutas que travamos, nos reconhecimentos que fazemos. É peculiar pensar o sentimento de pertencimento não como um dado qualquer, mas fruto de uma experiência sensível, marcado por alegrias e tristezas. É nítido pensar isso na fala da professora Germane:

o Assentamento é muito importante, foi aqui que, que, praticamente eu cresci, foi aqui que, que, acho que a gente conseguiu alguma coisa, porque na verdade a gente, quando a gente morava lá no Galante, no outro onde a gente morava, a gente era muito, bem, bem, bem mais pobre do que nós somos hoje, entendeu? Então aqui o assentamento nos deu condições pra que a gente pudesse ter uma moto, pudesse ter gado, meu pai tem, meu pai aqui no assentamento, assim, ele é o que mais tem, no caso minha mãe, meu pai, que mais tem, tem gado. Então assim, quando a gente morava lá a gente só criava galinha, não tinha um

bezero, hoje em dia não, a gente tem bastante cabeça de gado, entendesse? Então assim, isso, esse lado foi um lado muito bom. (2016).

CONCLUSÃO

De fato, a partir da nossa pesquisa, encontramos muitos resultados, certezas e incertezas. A partir dela nos foi possível pensar uma realidade que até então só podia ter acesso pela lembrança e não nos era conhecida em termos acadêmicos. Pensar a Educação do Campo pelo norte do ensino de história no tocante à história local se tornou um campo de estudo para nós próspero. Pudemos pensar que a Educação do Campo é um espaço em dinâmico em constante transformação que é atravessado por avanços, continuidades e recuos. A partir das professoras pesquisadas pudemos ter acesso à educação possível e operacionalizada no Assentamento Padre Assis. Pensar e refletir sobre o lugar é afirmar como Hobsbawm (1998), no que se refere ao lugar de importância da história na formação da consciência histórica.

A educação do campo é fruto de conflitos, negação e luta(!). Neste sentido, dialogamos com uma proposição de educação do e no campo que verse e prime pelos conhecimentos, memórias e valores locais, garantindo a manutenção dos saberes e história local, assim como de construção de uma identidade, de uma subjetividade que valorize o campo nas suas particularidades. O processo de ensinar e aprender, no contexto do campo, do conhecimento histórico, deve estar atrelado o conhecimento local, da criança e do jovem (FONSECA, 2009), das memórias de luta e de resistência na construção do Assentamento. A sala de aula deve ser criativa, ela deve fazer “defeitos na memória” (JUNIOR, 2014), ela deve fazer parte do mundo do/a aluno/a, do assentado, das suas experiências e exigências.

Neste sentido, ambas as professoras acreditam que a história, como coloca Hobsbawm (1998), que a consciência histórica é formulada no processo dialético entre presente/passado. Discutindo sobre o tempo, Santo Agostinho versa sobre o tempo sendo algo puramente presente (LE GOFF, 2013), mas que dialoga em três estágios: *presente/passado*, *presente/presente* e *presente/futuro*. É, como coloca Jorn Rüsen:

A formação histórica é, antes, a capacidade de uma determinada constituição narrativa de sentido. Sua qualidade específica consiste em (re)elaborar continuamente, e sempre de novo, as experiências correntes que a vida prática faz do passar do tempo, elevando-as ao nível cognitivo da ciência da história, e inserindo-as continuamente, e sempre de novo (ou seja: produtivamente), na orientação histórica dessa mesma vida. Aprender é a elaboração da experiência na competência interpretativa e ativa, e a formação histórica nada mais é do que uma capacidade de aprendizado especialmente desenvolvida. Essa capacidade de

aprendizado histórico precisa, por sua vez, ser aprendida. (Apud BAROM & CERRI, 2011: 5)

Isto é, o ensino de história tem a competência *narrativa* de, a partir de Jorn Rüsen, e a

“habilidade da consciência humana para levar a cabo procedimentos que dão sentido ao passado, fazendo efetiva uma orientação temporal na vida prática presente por meio de uma recordação da realidade passada.” (SCHMIDT; BARCA; MARTINS, 2010: 59)

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzales; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna. **Por Uma Educação do Campo**. 5. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

BARROS, José D'Assunção. **“A expansão da história”**. in: A expansão da história. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2013: 13-38.

BAROM, Wilian Carlos Cipriani. CERRI, Luis Fernando. **O ENSINO DA HISTÓRIA A PARTIR DA TEORIA DE JÖRN RÜSEN**. Seminário de pesquisa do PPE. Universidade Estadual de Maringá 26 e 27/05/201. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/publicacoes/seminario_ppe_2011/pdf/1/006.pdf

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história cultural**. tradução: Sérgio Paulo Rouanet. - 7. ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994. - (Obras escolhidas; v.1)

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes ;revisão técnica [de] Arno Vogel. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo e identidades**. 2ª ed – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

FONSECA, Selva Guimarães. **Fazer e ensinar História**. - Belo Horizonte: Dimensão, 2009.

FILHO, José Adilson. **“O historiador e sua função social na contemporaneidade”**. IN: Poder, memória e resistência: 50 anos do golpe de 1964 e outros ensaios. Tiago Bernardon de Oliveira...[et al], organizadores, - João Pessoa: EDITORA do CCTA; Mídia Editora, 2016: 353-366.

LE GOFF, Jacques. **“História”**. IN: História e memória.; tradução Bernardo Leitão... [et al.]. - 7ª ed. revista - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013: 21-158.

HOBBSAWM, Eric. **“O que a história tem a dizer-nos sobre a sociedade contemporânea?”**. IN: Sobre a história.; tradução Cio Knipel Moreira. - São Paulo: Companhia das Letras, 1998: 36-48.



JUNIOR, Durval Muniz de Albuquerque. **“Fazer defeitos nas memórias: para que servem o ensino e a escrita da história?”**, IN: Qual o valor da história hoje?/ Márcia de Almeida Golçalves...[et al.], organizadores.- Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

MOREIRA, Antonio Flavio; CANDAU, Vera Maria. (orgs.). **Currículos, disciplinas escolares e culturas.** – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **Os saberes da história:** elementos para um currículo escolar contemporâneo. Antíteses, vol. 2, n. 6, jul.-dez. de 2010. (pp. 759-776).

